

Cada sepultura, uma história”: Arte tumular e Patrimônio no Cemitério de Conceição da Boa Vista, Recreio-MG.

“Each grave, a story”: Tomb Art and Heritage at the Cemetery of Conceição da Boa Vista, Recreio-MG.

Enviado em : 29/09/2021

Aceito em : 18/12/2021

Yussef Daibert Salomão de Campos¹

Mariana Antão de Carvalho Rosa²

Resumo

O presente trabalho busca lançar luz sobre o Cemitério de Conceição da Boa Vista, localizado em Recreio, no estado de Minas Gerais, enquanto patrimônio, lugar de memória e território atravessado por múltiplas histórias. Inicialmente, faremos uma breve e necessária reflexão sobre os cemitérios enquanto patrimônio, atravessado múltiplas vezes pelas relações de forças e disputas de poder. Em um segundo momento, respaldados pela materialidade das fontes históricas bem como pelas possibilidades abertas pelo estudo da arte funerária, buscaremos conhecer algumas histórias que foram escritas nas sepulturas daquele campo. Acreditamos que cada jazigo pode representar, para aquela comunidade, a possibilidade de narrar, ainda que brevemente, a história de uma ou várias vidas.

Palavras-chave: Cemitério de Conceição da Boa Vista, patrimônio tumular, memória.

Abstract

1 - Professor Adjunto da Faculdade de História e permanente dos Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-graduação ProfHistória - Universidade Federal de Goiás. Doutor em História (Universidade Federal de Juiz de Fora); Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas-RS. Graduado em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Especialista em Gestão do Patrimônio Cultural (Granbery e PERMEAR, Juiz de Fora-MG). Pesquisa o patrimônio cultural a partir da relação entre História, Memória e Identidade, além de suas nuances jurídicas. E-mail: yussefcampos@ufg.com

2 - Possui graduação em História pela Universidade Federal do Piauí - UFPI (2015). Foi bolsista do Programa de Educação Tutorial PET- História (2013 - 2015). Mestra em História Social pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA (2019). Foi professora do Ensino Médio regular da Secretaria de Educação do Estado do Maranhão SEDUC - MA (2016 - 2020). Atua como professora no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA), associado a SEDUC - MA. Desenvolve estudos na área de História com ênfase na História Regional do Brasil. Pesquisa os seguintes temas: História, Memória, Morte, Cultura, Cemitérios e Patrimônio. Email: antaomariana11@gmail.com

This work seeks to shed light on the Cemetery of Conceição da Boa Vista, located in Recreio, in the state of Minas Gerais, as heritage, place of memory and territory crossed by multiple histories. Initially, we will make a brief and necessary reflection on cemeteries as heritage, crossed multiple times by power relations and power disputes. In a second moment, supported by the materiality of historical sources as well as the possibilities opened up by the study of funerary art, we will try to know some stories, written in the graves of that field. We believe that each tomb can represent, for that community, the possibility of narrating, even if briefly, the story of one or several lives.

Keywords: Cemetery of Conceição da Boa Vista; tombheritage; memory.

Considerações iniciais

Naquele terceiro dia do mês de junho de 1879, o céu de diversos tons de azul que, no horizonte, costuma unir-se ao verde musgo das colinas que envolvem a Igreja Matriz de Conceição da Boa Vista, revelando-se como uma paisagem quase mágica a partir do topo de sua escadaria, poderia parecer um tanto quanto desbotado aos olhos da família que acabara de perder o Capitão Jacinto Manoel Monteiro de Castro. Nascido na freguesia de Congonhas do Campo em 17 de novembro de 1807, pouco antes de falecer, registrou como última vontade o desejo de ser sepultado no cemitério que fica por trás daquela igreja. Seu neto, como testemunho de gratidão e amizade, mandou erigir um monumento fúnebre sobre o local onde foi inumado o corpo do capitão:



Figura 01- Monumento erigido sobre a sepultura do Capitão Jacinto Manoel Monteiro de Castro (1807-1879) e detalhe da pranteadora orante. Cemitério de Conceição da Boa vista, Recreio-MG, 2019. Fonte: Foto de Yussef Daibert Salomão de Campos.

Trata-se de um túmulo de porte médio retangular construído em mármore estatuário branco com campa preenchida por epígrafe. Na cabeceira da carneira há uma pranteadora³ orante. Esse ícone feminino da arte funerária oitocentista era bastante utilizado como forma de representar a saudade e desolação diante da morte. Nesse contexto, elas também desempenhavam o papel de guardiãs eternas dos túmulos. Sobre isso:

Faz parte da inserção do inconsciente coletivo, daquilo que a sociedade burguesa da época entendia sobre o papel da mulher diante da morte. Apresenta-se como uma pessoa ligada as emoções: dócil; hábil para suportar a dor da separação com resignação e serenidade; capaz de consolar os familiares, enfim a representação simbólica da mãe e/ou da viúva que compatibiliza com a espiritualidade do cristianismo e/ou com a retórica política positivista, no Brasil (BORGES, 2011, p.1-2).

3 - Segundo a historiadora da arte Maria Elizia Borges a pranteadora tornou-se um dos principais motivos utilizados pela escultura funerária italiana, francesa e inglesa pois, essa representação possibilitou aos artistas “a liberdade formal para expressar as ações e os sentimentos de todo o sofrimento moral e físico da mulher”. BORGES, 2011, p.1-2.

Aqui, a pranteadora aparenta não ser tão jovem bem como não apresenta traços explícitos que remetem a sensualidade. Semi-ajoelhada, suas mãos encontram-se em posição de oração e súplica. A vestimenta é uma túnica longa em estilo neoclássico que deixa à mostra parte dos braços e a ponta de um dos seus pés. Por fim, apresenta semblante triste e resignado que parece suplicar incessantemente pela misericórdia de Deus para que conceda balsamo diante da saudade deixada por aquela separação. A pose, vestimenta e expressão da pranteadora foram pensadas a fim de promover uma dramaticidade teatral diante da morte.

Todos os detalhes reunidos na fabricação da sepultura podem ser entendidos como um testemunho de cuidado e carinho da família para com o capitão Jacinto. Eles nos permitiram conhecer alguns fragmentos de sua vida. Com isso, pudemos construir uma narrativa respaldada pela materialidade e preenchida, em suas lacunas, por dados imaginativos dentro do que é provável⁴ acerca do dia em que foi sepultado e sobre como ocorreram suas exéquias⁵.

A construção de um monumento fúnebre, a escolha de uma escultura tumular e a escrita da lapide são também formas de perpetuar a memória do falecido e de sua família. No entanto, cabe a nós refletir sobre quem possui direito à memória. De modo mais específico, quem pode ter seus fragmentos de vida registrados em uma lápide? Esse é um privilégio de todos? Quais grupos tem acesso a memória funerária? Quais cemitérios são patrimonializados? Quais sepulturas são cuidadas e vistas? Quais são demolidas?

Como resposta provisória para algumas dessas questões podemos evocar os silêncios e esquecimentos que permearam a vida e a morte dos escravizados inumados nas covas rasas do Cemitério dos Pretos Novos⁶ no Rio de Janeiro:

4 - O historiador italiano Carlo Ginzburg defende a importância de aceitar as lacunas documentais como elementos narrativos, bem como preencher essas brechas com uma narrativa que esteja no âmbito do provável. Isso jamais faria com que a história se tornasse algo próximo a literatura, pois o pesquisador usa como base fundamental a materialidade das fontes históricas (GINZBURG, 2002, p. 42).

5 - Cerimônias ou honras fúnebres.

6 - Pretos novos era o nome usado para designar os escravos recém-chegados no Brasil.

Destinado a abrigar os corpos dos africanos que não resistiam ao período de quarentena, desembarque ou colocação à venda. Tratava-se, na verdade, de uma espécie de valão coletivo em que os corpos eram jogados, enterrados quase à superfície do solo e, de tempos em tempos, incinerados. Em 1830, com a proibição do tráfico negreiro – a famosa “lei para inglês ver” – e a reclamação da população local, que se queixava do mau cheiro dos cadáveres, o cemitério foi fechado, enterrado e esquecido (VASSALO, 2013, p.84-85).

Aproximadamente seis mil corpos foram depositados ali em meados do século XVIII sem receber nenhum ritual ou identificação. Apenas em 2005, por ocasião de reformas realizadas na casa 36 da rua Pedro Ernesto, no bairro da Gamboa, é que seus restos mortais foram trazidas à tona dando origem ao Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN).

A forma como os corpos foram inumados, não nos permitiu construir uma narrativa sobre suas existências individuais como a que apresentamos acerca do capitão Jacinto Manoel Monteiro. Por enquanto, apenas podemos conhecê-los em suas coletividades pois dados como nomes, feitos, pertencimento familiar, as datas de nascimento e falecimento jamais foram registradas. Assim, fica evidente que as relações de poder se perpetuam também após a morte concedendo dignidade para alguns e a completa desumanização e marginalização para outros. Por fim, em sua pesquisa sobre a Arte tumular na região dos Lagos de Furnas entre 1890 a 1925, Ribeiro esclarece essas questões:

Se, por um lado, é uma pena o fato de nem todas as famílias poderem dar uma sepultura aos seus entes queridos, por outro, é lamentável que não haja mecanismos capazes de manter o registro da existência de todos os seres humanos. Só aos poderosos essa realidade se concretiza, aos desprovidos cabe o anonimato, ou talvez, o fim (RIBEIRO, 2006, p.66).

Portanto, ao estudar os cemitérios enquanto patrimônio é necessário que ele seja compreendido não como “qualquer coisa que fica por conta do passado”, mas como “um produto da sociedade que o fabricou segundo a relação de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 1990, p.546). Eles, de uma forma geral, e seu mobiliário, de forma particular, está relacionado a busca de dignidade e a possibilidade de perpetuar a memória. Assim, os silêncios e

esquecimentos devem ser observados de forma central quando nos relacionamos com esses espaços.

Dessa forma, tendo ciência de que os “campos santos”⁷ são espaços atravessados múltiplas vezes pelas relações de força de quem detém o poder (CARVALHO, 2021), as linhas que seguem foram escritas com o objetivo de apresentar o Cemitério de Conceição da Boa Vista, localizado no distrito de Recreio em Minas Gerais enquanto Patrimônio, Lugar de memória e de múltiplas histórias que são contadas ao leitor atento até mesmo por meio dos silêncios e esquecimentos. Que esses indícios não sejam desprezados. Em um primeiro momento, faremos uma breve reflexão sobre os cemitérios enquanto Patrimônio. Porque esses espaços estão quase sempre associados a esse conceito, mesmo que isso ocorra muito mais no campo do discurso que na prática?

Em um segundo momento, buscaremos conhecer algumas histórias de vida que foram brevemente escritas nas sepulturas daquele campo. Acreditamos que a construção de cada jazigo era, para a sociedade de Conceição da Boa Vista dos séculos passados, a oportunidade de narrar a história de seus familiares, demarcar sua passagem pela vida e importância para a comunidade. Analisaremos os dados escritos nas sepulturas, mas também faremos a leitura da iconografia⁸ tumular como forma de conhecer informações que não podem ser acessadas pelo discurso ou escrita (BORGES, 2017, p.23). O estudo da arte funerária e a metodologia de pesquisa histórica serão aliadas na busca pelas vivências humanas dos tempos passados.

Campos de Esperança, Patrimônio e Memória

Era comum que muitos brasileiros oitocentistas, a exemplo do capitão Jacinto Manoel, desejassem ser inumados perto ou, se possível, no interior das

7 - Nomenclatura atribuída aos cemitérios que eram entendidos como ambientes sagrados.

8 - O historiador da arte Erwin Panofsky define a iconografia como uma metodologia de caráter descritivo. Em nossa pesquisa, é um aliado para a investigação dos objetos cimiteriais como fonte histórica pois auxilia a formação de bases para interpretações posteriores. Aqui faremos uso também da iconologia. Essa está relacionada à razão e acontece quando a iconografia é retirada do isolamento, tornando-se interpretativa e integrando-se a outros métodos, sejam eles históricos, psicológicos ou críticos. (PANOFSKY, 1976, p. 53)

igrejas. Acreditava-se que a proximidade física entre os falecidos e os ícones da fé católica depositados ali poderia ajudá-los a encontrar o caminho mais rápido para a salvação. Nesse processo:

As igrejas eram a casa de Deus, sob cujo teto, entre imagens de santos e anjos, deviam também se abrigar os mortos até a ressurreição prometida para o fim dos tempos. A proximidade física entre cadáver e imagens divinas, aqui embaixo, representava um modelo da contiguidade espiritual que se desejava obter, lá em cima, entre a alma e as divindades. A igreja era uma das portas de entrada do paraíso (REIS, 1991, p.171).

O Padre Theophilo Alves Ribeiro foi um dos poucos a receber o privilégio de ser enterrado em solo sagrado.⁹ Tendo falecido em 1894, seus restos mortais repousam em um discreto jazigo no interior da igreja de Conceição da Boa Vista. Na campa, foi escrito “saudades dos seus parochiannos”.¹⁰



Figura 02- Sepultura do Padre Modesto Theophilo Alves Ribeiro (1850 -1894). Cemitério de Conceição da Boa vista, Recreio- MG, 2019. Fonte: Foto de Yussef Daibert Salomão de Campos.

9 - A inumação no interior da igreja era reconhecida como sagrada.

10 - Na transcrição, optei por manter a grafia original.

Nesse período, o sepultamento no interior ou arrabalde das igrejas já havia sido proibido na corte (RODRIGUES, 1997, p.269). O século XIX foi o cerne do processo de expulsão dos mortos da cidade dos vivos motivado pela crença de que a proximidade entre estes e os cadáveres em processo de decomposição poderia acarretar doenças e agravar epidemias devido a propagação de miasmas que poluíam o ar (p.269).

Assim, os enterramentos passaram a acontecer em cemitérios extramuros, ou seja, que fossem afastados das igrejas e também dos espaços urbanos¹¹. O de Conceição da Boa vista, nos mostra como era antes disso, pois nele, a igreja e o espaço destinado aos mortos estão amalgamados. Pouco a pouco, a relação das sociedades com os moribundos, as exéquias, práticas de sepultamento, e até mesmo a forma de compreender a morte e os cemitérios iam sendo alteradas:

A morte, tão presente, tão doméstica no passado, vai se tornando vergonhosa e objeto de interdição. No espaço destas últimas cinco décadas assistimos a um fenômeno curioso na sociedade industrial capitalista: à medida que a interdição em torno do sexo foi se relaxando, a morte foi se tornando um tema proibido, uma coisa inominável. A obscenidade não reside mais nas alusões às coisas referentes ao início da vida, mas sim aos fatos relacionados com seu fim. Uma verdadeira inversão (MARANHÃO, 1992, p.11-12).

Talvez devido a interdição da morte nas sociedades contemporâneas bem como pela complexidade das relações estabelecidas diante do morrer, os cemitérios são categorizados como patrimônios difíceis, também conhecidos como sombrios, marginais ou da dor. Esses:

Remetem a locais de intrincada fruição e estão associados ao sofrimento, à exceção, ao encarceramento, à segregação, à punição e à morte. Tais patrimônios podem reunir a função de memorial ou de local de peregrinação com a finalidade de rememoração coletiva e de reconhecimento de direitos e de reparação (CARVALHO e MENEGUELLO, 2020, p. 245).

O patrimônio está associado ao desejo de lutar contra o apagamento das experiências humanas, principalmente, aquelas que estão relacionadas a lembranças incômodas como é o caso do Cemitério dos pretos novos,

11 - Na segunda metade do século XIX, grande parte dos cemitérios foram construídos fora do perímetro urbano a exemplo do cemitério São José em Teresina- Piauí. No entanto, com o rápido crescimento das cidades eles foram novamente englobados pelo tecido urbano. Passaram a ser necrópoles no interior das metrópoles. Sobre isso ver: ROSA, 2019.

apresentado ainda nas primeiras laudas do presente texto. Nesse caso, o silêncio e a ausência puderam nos falar, mais que qualquer monumento funerário, sobre a vivência daquelas pessoas marginalizadas. Os ossos ali encontrados são a materialidade de um passado que não podemos negar. Como patrimônio:

Cumprem uma função essencial na manutenção dos direitos humanos, permanecendo como uma lembrança incômoda do passado; dão voz a minorias perseguidas, evitando o apagamento de suas experiências; e redimensionam o próprio conceito de patrimônio como a preservação do belo e do bom. Numa sociedade em que a relação individual com a morte é cada vez mais distante e asséptica, tais patrimônios devolvem a interação com a finitude e a crueldade, requalificando o sofrimento como um acontecimento capaz de suscitar novos arranjos sociais (CARVALHO e MENEGUELLO, 2020, p. 247).

De modo geral, os cemitérios, por sua configuração, são espaços que se levantam contra o apagamento das existências passadas. Devido isso, podem ser entendidos como lugares de memória¹² pois evitam que ela se perca frente a aceleração da história.¹³ Assim, a materialidade encontrada nos cemitérios, além de fonte histórica irrefutável, é também suporte para a construção da memória coletiva pois as sociedades visitam esses espaços para relembrar fragmentos de sua história. Para além disso, o patrimônio cultural funerário “trata-se da materialidade das edificações erguidas para os mortos, dos ritos de finados, das devoções de santos milagreiros, dos rituais e romarias em lugares de crimes e, entre outros” (CASTRO, 2020, p.145).

Apesar desse reconhecimento, os cemitérios são patrimônios pouco visíveis, pouco estudado e perpassado por inúmeros preconceitos. Diante dessa realidade, Maria Elizia Borges conclama os pesquisadores para que voltem seus olhares para esses espaços ao passo em que explica seu valor social:

Precisamos continuar descobrindo cemitérios, identificando seus mortos, conforme dissemos anteriormente, e inventariando os artefatos dessa cultura material. Esse é um tipo de pesquisa de campo árdua, sistematizada, que deve recorrer a metodologias de várias áreas de conhecimento, como a

12 - Segundo Nora, esses lugares são necessários pois não há memória espontânea, natural e os homens criam arquivos, datas, pronunciam elogios fúnebres como forma de preservá-las (NORA, 1993).

13 - Por aceleração da história, Nora entende como o sentimento de que cada vez mais rapidamente o passado está morto.

arqueologia, a museologia, a história da arte, a arquitetura e a história da cultura material. Os dados dos falecidos contribuem para fortalecermos a memória coletiva e individual daqueles que ali viveram, do seu trabalho, do amor familiar e do seu papel diante do conceito de cidadania. Existe a necessidade de apreensão do significado simbólico dos artefatos funerários derivados da adaptação dos elementos formais aplicados em outros espaços da “cidade dos vivos”. Enfim, existe o prazer de descobrir tamanha riqueza cultural e artística em um espaço tão pequeno de uma cidade e que, a princípio, é rejeitado pelos vivos (BORGES, 2018, p. 325-326).

Por fim, quando a comunidade conhece a arte, a sensibilidade, a memória e ancestralidade presente nos seus cemitérios torna-se bem mais possível a preservação, o cuidado a atribuição de sentido e a desmistificação desses lugares que são na verdade um espaço de histórias de vida e esperança.

Em Cada túmulo, uma história

O Cemitério de Conceição da Boa Vista reúne múltiplas histórias. Pode ser comparado a uma cidade reduzida e silenciosa onde cada jazigo abriga, de forma simbólica, muitas das personagens que contribuíram para a formação e dinâmica daquela comunidade. Ali estão suas raízes, sua ancestralidade. Para além disso, cada sepultura traz consigo um testemunho de vida e a oportunidade de narrar uma breve história. É como um documento em três dimensões deixado para a posteridade.

A exemplo, o jazigo de Celidonio Gomes dos Reis parece ter sido erigido com o desejo de lembrar aos visitantes sobre o quanto a vida é efêmera. Tendo nascido em 5 de junho de 1846, faleceu em 22 de maio de 1892, pouco antes de completar 46 anos. Talvez por isso, um dos elementos que está bastante evidente em sua sepultura seja a ampulheta com asas (Figura 03).



Figura 03- Monumento erigido sobre a sepultura de Francisco Celidonio Gomes dos Reis (1846-1892), anjo da saudade e detalhe da ampulheta com asas. Cemitério de Conceição da Boa vista, Recreio- MG, 2019. Fonte: Foto de Yussef Daibert Salomão de Campos.

Esse “relógio de areia” é utilizado para marcar a passagem do tempo. Quando todo o conteúdo de sua base superior for transferido através da parte mais estreita para a base inferior teremos o fim de um segundo, minuto, hora ou dia. Devido a isso, simboliza a efemeridade da vida ao lembrar que estamos mais próximos da finitude. No entanto, também é interessante notar que a ao final de um ciclo, existe a possibilidade de virar a ampulheta e dar início a uma outra contagem também finita. Há aqui a ideia de uma passagem continua entre o céu e a terra.¹⁴É comum, na arte tumular, que a ampulheta seja representada com asas pois dão a impressão de voo, enfatizando a rápida passagem do tempo, além de serem símbolo da divina missão (BORGES, 2017, p.287).

No túmulo, há ainda a escultura de um anjo altivo vestido com uma túnica longa em estilo clássico e caimento drapeado que acaba por transmitir uma ideia de leveza a cena. A criatura alada apresenta asas longas, cabelos compridos e encaracolados. Nas mãos, segura uma coroa de flores que representa a alegria divina e a “vitória da alma humana sobre o pecado da

14 - AMPULHETA. Dicionário de símbolos: significado dos símbolos e simbologias, 2008-2021. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/ampulheta/>>. Acesso em: 11.07.2021.

morte”¹⁵. Seu semblante se divide entre a tristeza e a serenidade. Além de desempenhar a função de guardião do túmulo, essa imagem é utilizada como uma forma de expressar a saudade deixada por aquele ciclo que se fechou.

A ampulheta com asas e a temática da efemeridade da vida se repete no Jazigo da família Teixeira Castro (Figura 04):



Figura 04- Monumento erigido sobre a sepultura da família Teixeira Castro, detalhe da ampulheta com asas e arabesco. Cemitério de Conceição da Boa vista, Recreio- MG, 2019. Fonte: Foto de Yusef Daibert Salomão de Campos.

Esse é um túmulo de porte médio retangular construído em mármore estatuário branco com campa preenchida por epígrafe destinada à memória de Antônio Teixeira de Carvalho, falecido em 20 de dezembro de 1887. Sua mãe e sua esposa mandaram registrar ali os sentimentos deixados por sua partida: “gratidão e saudades”. Esse teria sido o sepultamento mais antigo realizado naquela cova.

Na cabeceira da carneira, foi colocado um oratório em estilo neoclássico que parece ter sido construído posteriormente para homenagear Olivia F. da

15 - AMPULHETA. Dicionário de símbolos: significado dos símbolos e simbologias, 2008-2021. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/ampulheta/>>. Acesso em: 11.07.2021.

Costa (1976-1930) e Dr. Octaviano F da Costa (1863-1939). Ao centro, há uma porta em grades de ferro e formato de abóbada. O interior da capela está vazio. Acima, em seu teto, é possível observar uma ampulheta com asas transpassada por uma tocha, esse símbolo normalmente é utilizado para representar a chama da vida e a transcendência da alma.

Como elemento decorativo, temos também o arabesco, um tipo de entrelaçamento de linhas, ramagens e flores¹⁶. Esse, de modo específico, é composto por folhas de acanto que simbolizam, devido seus espinhos, a vitória sobre as adversidades, dor e pecado¹⁷. Ao centro desse elemento há o *rocaille*, este é um enrolamento em formatos de C que lembram conchas. Nesse sentido, pode estar fazendo alusão a morte como renovação pois, na natureza, as ostras, animais marítimos formados por conchas, transforma algo ruim que uma joia.¹⁸

Por fim, na parte mais alta do oratório, é possível visualizar três estrelas, elemento que assume diferentes significados na religiosidade cristã. “Ela pode ser o símbolo da ordenação cósmica, uma vez que ilumina o céu noturno, destacando-se no meio das trevas da noite. Assim, a estrela funcionaria como um guia, acompanhando, por exemplo, os três reis magos do Oriente até a manjedoura de Jesus” (DALMAZ, 2000, p.109). Diante disso, a ornamentação da sepultura com símbolos de esperança ajudava os vivos a conviverem com o luto, saudade e dor trazidos pela morte.

Por vezes, a despedida acontece demasiadamente cedo. Assim, ao visitar aquele cemitério nos deparamos com a sepultura de Ermelinda (Figura 05) que chama atenção pelo tamanho reduzido, suavidade da escultura e, principalmente, pela brevidade de sua vida. Filha de Manoel Alves De Oliveira Paranhos,¹⁹ nasceu a 2 de maio de 1887 e faleceu a 12 de outubro de 1888, ou seja, poucos meses depois de completar o primeiro aniversário.

16AMPULHETA. Dicionário de símbolos: significado dos símbolos e simbologias, 2008-2021. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/ampulheta/>>. Acesso em: 11.07.2021.

17ACANTO. Significado dos símbolos. Disponível em: <<https://www.significadodossimbolos.com.br/busca.do?simbolo=Acanto>>. Acesso em: 11.07.2021.

18Sobre o processo de formação das pérolas pelas ostras.

19O nome da mãe também foi gravado na lápide, no entanto está ilegível. Devido a isso, optamos por citar apenas o pai.



Figura 05- Monumento erigido sobre a sepultura de Ermelinda (1887-1888). Cemitério de Conceição da Boa vista, Recreio- MG, 2019. Fonte: Foto de Yussef Daibert Salomão de Campos.

Trata-se de um túmulo pequeno retangular construído em mármore estatuário branco²⁰ com campã preenchida por epígrafe. Na cabeceira da carneira, há a escultura de uma criança despida²¹ e jacente que dorme sobre sua caminha. Aqui temos a representação do “sono eterno” que transmite a ideia de um descanso ao lado de Deus. O sono, que é uma aparência empírica da morte, está associado a atitude de aceitação daquela (STEYER, 2000, p.88). A pequena cama, é composta por um colchão forrado com tecido que simula um caimento leve e drapeado. Na barra, há um acabamento que lembra renda.

A criança bochechuda com face europeia e cabelos encaracolados apresenta um semblante bastante tranquilo. Ele está com a cabeça e parte do tronco apoiados no travesseiro de modo que o bracinho cai levemente para fora da cama passando a ideia de leveza e tranquilidade a cena. A outra mão segura um colar com um pingente em formato de losango. Em um nível abaixo dessa escultura há um livro aberto que pode ser uma representação do livro da vida ou de uma bíblia. Nele existem inscrições que não podem ser lidas devido ao desgaste que sofreu com o tempo.

20 - Hoje aparenta ser cinza devido o processo de desgaste e ação de agentes químicos, mas originalmente é branco.

21 - Sobre isso ler: BORGES, 1999.

Por fim, é interessante pensar como cada sepultura pode ser entendida enquanto uma página da história da Comunidade de Conceição da Boa vista. Elas trazem um resumo breve sobre o início e o fim da vida de seus antigos habitantes. Vão gravando no chão um registro de que eles existiram, viveram e deixaram saudades. Além de ser uma possibilidade, dada a poucos, de contar suas histórias às gerações futuras também são um tributo de esperança e crença na vida após a morte e no suposto reencontro futuro.

Considerações finais

A expressão artística da arte tumular, além da expressão religiosa, é um apelo às memórias amparadas nesses lugares de expressões emocionais que navegam entre a revolta, a contrição, a saudade, o arrependimento, a introspecção, a dor, o trauma, dentre tantas outras.

Encontrar no interior das Minas Gerais, em um distrito da pequena cidade de Recreio, fora dos circuitos turísticos, onde a percepção do tempo ainda não é acelerada pela compressão espaço-temporal imposta pelas tecnologias da informação e pela internet cada vez mais veloz, autoriza transportar, ao século XXI, Aloísio Magalhães. O gestor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na virada dos 1970 para os 80, em uma oportunidade na qual burocratas discutiam as intervenções, em São Paulo, realizadas pelas obras do metrô, arguiu: E Triunfo? Ao citar a pequena cidade de Pernambuco, Aloísio proclamava, de maneira determinada, que o conceito de patrimônio deveria ser ampliado, abarcar aquilo que não fazia parte dos manuais dos cursos de Arquitetura e das gestões que o antecederam.

E Recreio? E Conceição, e seu cemitério germinado por arte tumular? Ilustram a identidade e a memória coletivas indicadas pela Carta Constitucional de 1988? Ou pelas legislações municipal e estadual? Manteremos a prevalência do patrimônio de pedra e cal (e barro, indicaria Silva Telles)? Minas Gerais ainda será metonímia de uma identidade erigida na Era Vargas, por seus semiófaros patrimoniais Ouro Preto, Mariana, Diamantina, Congonhas, e afins? Ou caminhar-se-á à diversidade decretada pela Constituição? A

ambivalência *memória e esquecimento* é dialética, dinâmica e perene. Se as imposições verticais, burocráticas, forem as únicas a indicarem o que é patrimônio, estará o patrimônio fadado à esterilidade. Enquanto a máquina jurídico-política do Estado tem o dever constitutivo de arrolar os patrimônios (afinal, o artigo 216 da Constituição inicia-se com o audacioso "constituem" patrimônio cultural brasileiro), é a comunidade, são os detentores que declaram quais são os seus patrimônios.

Referências

AMPULHETA. **Dicionário de símbolos: significado dos símbolos e simbologias**, 2008-2021. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/ampulheta/>>. Acesso em: 11.07.2021.

ACANTO. **Significado dos símbolos**. Disponível em: <<https://www.significadodossimbolos.com.br/busca.do?simbolo=Acanto>>. Acesso em: 11.07.2021.

BORGES, Maria Elizia. **Ressignificação da saudade e da desolação: pranteadoras guardiãs perenes dos túmulos**. CBHA, 2011.

BORGES, Maria Elizia Borges. **Arte Funerária no Brasil (1890-1930): Ofício de Marmoristas Italianos em Ribeirão Preto**. 2.ed. Gráfica UFGA: Goiânia, 2017.

BORGES, Maria Elizia. **Os cemitérios secularizados no Brasil: um patrimônio cultural a ser preservado**. In: CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de; KULEMEYER, Jorge Alberto (Comp.). *El lado perverso del patrimonio cultural*. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2018. p. 313 – 330.

BORGES, Maria Elizia. **Arte Funerária: representação do vestuário da criança**. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, vol. 5, n. 2, 1999.

CARVALHO, Aline e MENEGUELLO, Cristina. **Dicionário temático de Patrimônio: debates contemporâneos**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MAGALHÃES, Aloísio. ***E Triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil.*** Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Roberto Marinho, 1997.

MARANHÃO, José Luiz de Sousa. ***O que é Morte.*** 4. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

NORA, Pierre. ***Entre memória e história: a problemática dos lugares.*** Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

PANOFSKY. ***Significados nas Artes Visuais.*** São Paulo: Perspectiva, 1976.

POMIAN, Krzystof. ***Coleção.*** In: GIL, Fernando (Org.). ***Memória-História.*** Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

REIS, João José. ***A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.*** 1.ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Dimas do Reis. ***Cemitério sem mistérios: a arte tumular do sul de Minas – 1890 a 1925 – Região dos Lagos de Furnas.*** Alterosa: Minas Gerais, 2006.

ROSA, Mariana Antão de Carvalho (2021). “Os mortos contam segredos”: os cemitérios enquanto documentos/monumentos para o estudo histórico. *Escrita Da História*, 7(13), 77–104. Recuperado de <https://www.escritadahistoria.com/index.php/reh/article/view/216>.

ROSA, Mariana Antão de Carvalho. Cemitério São José: ***História, Memória e Sensibilidades teresinenses.*** 2019. 185 p. *Dissertação* (Mestrado em História Social) – Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal do Maranhão, 2019.

RODRIGUES, Cláudia. ***Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres na Corte.*** Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Divisão de Editoração. Coleção Biblioteca Carioca. 1997.

STEYER, Fábio Augusto. ***Representações e manifestações antropológicas da morte em alguns cemitérios do Rio Grande do Sul.*** In: BELLOMO, Harry Rodrigues. ***Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia.*** BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). 2. ed. Porto Alegre: EDPRCRS, 2000. p.61-96.

VASSALO, S. P. ***Releituras da Escravidão negra e zona portuária do Rio de Janeiro: o caso do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN).*** IN: SANTOS, M. S. et. al. (org.) ***Cultura, Memória e Poder: diálogos interdisciplinares.*** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

